

**O USO DE SINAIS COMPOSTOS POR ESTUDANTES SURDOS DO CURSO DE LETRAS LIBRAS DA UFPI:
UM ESTUDO PELO VIÉS SOCIOLINGÜÍSTICO E ABORDAGEM COGNITIVA**

*THE USE OF COMPOUND SIGNS BY DEAF STUDENTS OF THE LIBRAS LANGUAGE AND LITERATURE PROGRAM AT UFPI:
A STUDY FROM A SOCIOLINGUISTIC PERSPECTIVE AND COGNITIVE APPROACH*

Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa¹

Geisymeire Pereira do Nascimento²

Heron Ferreira da Silva³

RESUMO

Esta pesquisa, como foco na formação de sinais compostos em Libras, teve início a partir de observações feitas durante as aulas de Libras II, componente curricular do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Nosso objetivo principal foi responder à seguinte questão: Quais fatores sociolinguísticos e cognitivos explicam as variações observadas na produção e uso de sinais compostos em Libras pelos estudantes surdos do curso de Letras Libras da UFPI, em contraste com as formas descritas na literatura acadêmica? Buscamos analisar, sob a perspectiva da Sociolinguística e da Linguística Cognitiva, os fenômenos que podem influenciar a formação, significação, uso e compreensão de sinais compostos em Libras por alunos surdos do 2º período do curso Letras Libras da UFPI. Realizamos uma pesquisa de campo qualitativa, com abordagem analítica descritiva, tendo como informantes três discentes surdos. Utilizamos 21 imagens não verbais projetadas representando sinais compostos advindas de trabalhos acadêmicos, como: Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006), Takahira (2012), Minussi e Takahira (2013), Figueiredo Silva e Sell (2009), e o dicionário Novo Deit-Libras de Capovilla, Raphael e Mauricio (2009), Langacker (1987, 2011), Goldberg (1995). Após a coleta dos dados, procedemos ao mapeamento dos sinais produzidos pelos participantes, subdividindo-os em duas categorias principais: animais e pessoas. Durante a análise, identificamos diversas regularidades linguísticas cognitivas e sociais subjacentes à percepção dos 3 estudantes surdos do curso de Letras Libras em Teresina-PI, sobre a formação, convenção e uso de sinais compostos.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia da Libras. Sociolinguística. Linguística Cognitiva. Sinais compostos. Estudantes surdos.

ABSTRACT

This research, focusing on the formation of compound signs in Libras, began from observations made during Libras II classes, a curricular component of the Libras Language course at Federal University of Piauí (UFPI). Our main objective was to answer the following question: What sociolinguistic and cognitive factors explain the variations observed in the production and use of compound signs in Libras by deaf students in the Libras Language course at UFPI, in contrast to the forms described in the academic literature? We sought to analyze,

¹ Universidade Federal do Piauí (UFPI), costacatarina@uol.com.br, <https://orcid.org/0000-0002-8707-4832>.

² Universidade Federal do Piauí (UFPI), geisymeire@ufpi.edu.br, <https://orcid.org/0000-0001-6763-4890>.

³ Universidade Federal do Piauí (UFPI), flheron@ufpi.edu.br, <https://orcid.org/0000-0003-4651-5467>.

from the perspective of Sociolinguistics and Cognitive Linguistics, the phenomena that may influence the formation, meaning, use and understanding of compound signs in Libras by deaf students in the 2nd period of the Libras Language course at UFPI. We conducted a qualitative field study with a descriptive analytical approach, using three deaf students as informants. We used 21 projected nonverbal images representing compound signs from academic works, such as: Quadros and Karnopp (2004), Felipe (2006), Takahira (2012), Minussi and Takahira (2013), Figueiredo Silva and Sell (2009), and the Novo Deit-Libras dictionary by Capovilla, Raphael and Mauricio (2009), Langacker (1987, 2011), Goldberg (1995). After collecting the data, we mapped the signs produced by the participants, subdividing them into two main categories: animals and people. During the analysis, we identified several cognitive and social linguistic regularities underlying the perception of the three deaf students of the Letras Libras Course in Teresina-PI, regarding the formation, convention and use of compound signs.

KEYWORDS: Morphology of Libras. Sociolinguistics. Linguistic Cognitive. Composite signals. Deaf students.

1. Introdução

Esta pesquisa se originou a partir de observações realizadas durante as aulas de formação de sinais compostos ministradas na disciplina de Libras II, em 2018, parte integrante do currículo da Graduação em Licenciatura em Letras Libras⁴ na Universidade Federal do Piauí - UFPI. Durante o curso, os professores que ministram disciplinas na área da Linguística da Libras, frequentemente utilizam artigos científicos como material didático de apoio. Os alunos, por sua vez, observaram que alguns sinais compostos⁵ utilizados pela comunidade local de Teresina, no Piauí, diferiam dos sinais descritos nos artigos estudados no curso, o que evidencia variações linguísticas entre diferentes locais. Nessa perspectiva, podemos inicialmente pensar na seguinte questão: Quais fatores sociolinguísticos e cognitivos explicam as variações observadas na produção e uso de sinais compostos em Libras pelos estudantes surdos do curso de Letras Libras da UFPI, em contraste com as formas descritas na literatura acadêmica?

A partir desse questionamento de pesquisa, e, para nos ajudar a compreender essa questão, estabelecemos como objetivo geral, analisar sob a perspectiva da Sociolinguística e da Linguística Cognitiva, os fenômenos que podem influenciar a formação, significação, uso e compreensão de sinais compostos em Libras por alunos surdos do 2º período do curso Letras Libras da UFPI. Nos objetivos específicos, delineamos as seguintes metas: Catalogar os sinais compostos utilizados por estudantes surdos do 2º período do curso de Letras Libras da UFPI, identificando suas formas, contextos de uso e variações em relação aos sinais descritos na literatura acadêmica; Analisar, sob a perspectiva da Sociolinguística, as variações observadas nos sinais compostos utilizados pelos estudantes, considerando fatores como identidade surda, redes sociais, escolarização, contexto regional e contato com diferentes variedades de Libras; Investigar, à luz da Linguística Cognitiva, os

⁴ O Letras Libras da UFPI oferta anualmente 30 vagas para discentes desde o ano de 2014, e recentemente neste ano de 2025 o curso foi avaliado como nota 05 pelo Ministério da Educação - MEC como curso de qualidade e excelência.

⁵ Os sinais compostos em Libras referem-se à combinação de dois ou mais sinais simples para formar um novo sinal com significado específico. Essa combinação permite uma expressão mais precisa e detalhada, ampliando as possibilidades de comunicação na língua de sinais. (Quadros; Karnopp, 2004).

processos cognitivos de formação, significação e compreensão dos sinais compostos em Libras, com foco em mecanismos como categorização, metáfora conceitual e esquemas imagéticos; Discutir as (inter)relações entre os fatores sociolinguísticos e cognitivos que influenciam as escolhas linguísticas dos estudantes surdos, destacando como esses fatores contribuem para a manutenção, inovação ou variação nos sinais compostos em Libras.

Julgamos necessário para a comunidade acadêmica local, discutir as regularidades linguísticas e contextuais, que possivelmente levam os estudantes surdos a preferirem determinados sinais compostos em detrimento de outros. Dessa maneira, envolve compreender como processos cognitivos e sociais moldam a estrutura e o uso da Libras. Esta pesquisa, parte de uma abordagem teórica interdisciplinar, fundamentada na Linguística Cognitiva e na Sociolinguística, para analisar o fenômeno da variação no uso de sinais compostos entre estudantes surdos do curso Letras Libras da UFPI.

Do ponto de vista da Linguística Cognitiva, a linguagem é vista como uma extensão da cognição humana, onde o significado é construído com base na experiência corporal, cultural e social. Autores como Lakoff e Johnson (2002) argumentam que a linguagem reflete metáforas conceituais que organizam nosso pensamento e percepção do mundo. Assim, os sinais compostos em Libras podem ser interpretados como construções simbólicas (Goldberg, 1995), enraizadas em esquemas imagéticos (Langacker, 1987) e processos cognitivos de analogia e categorização (Croft, 2001).

Ao mesmo tempo, a Sociolinguística oferece ferramentas analíticas fundamentais para compreender como as formas linguísticas variam de acordo com fatores sociais, regionais e culturais. Inspirando-nos em estudos clássicos de Labov (2008), reconhecemos que a variação linguística é também estruturada socialmente, refletindo padrões sistemáticos relacionados a diferentes contextos e grupos sociais. Na Libras, como em qualquer outra língua natural, essas variações expressam identidade, pertencimento e contexto social. Como destaca Bortoni-Ricardo (2011), o uso da língua está inserido em redes sociais e práticas comunicativas específicas, algo particularmente evidente na comunidade surda, cuja comunicação visual-espacial se constrói em estreita conexão com experiências compartilhadas na língua de sinais.

Portanto, esta investigação concentra-se nos aspectos cognitivos e socioculturais que influenciam a adoção de determinados sinais compostos por estudantes surdos. Consideramos que fatores como a aquisição da língua, a formação escolar em Libras, o contato com diferentes variedades da língua de sinais, bem como aspectos cognitivos como, metáforas conceituais, economia linguística, esquemas de imagens, iconicidade dentre outros, podem contribuir significativamente para o surgimento de variações linguísticas, e, para a consolidação de escolhas preferenciais orientadas por processos cognitivos.

Deste modo, lançamos a hipótese de que a variação linguística observada entre os alunos do 2º período do curso Letras Libras da UFPI é influenciada por múltiplos fatores que afetam a formação, significação, uso e compreensão dos sinais compostos, pois, a partir dos pressupostos da Linguística Cognitiva, compreendemos a linguagem como um sistema dinâmico e experiencial. Já sob o olhar da

Sociolinguística, consideramos que as escolhas linguísticas são socialmente marcadas, relacionadas à fatores como identidade surda, região, escolarização e acesso à língua. E, as duas correntes linguísticas nos ajudaram a compreender alguns fenômenos linguísticos aqui apresentados e discutidos.

A análise dos sinais compostos utilizados por estudantes surdos em Teresina-PI, contribui, assim, para o avanço dos estudos linguísticos da Libras, especialmente nas dimensões sociolinguística e cognitiva. Essa abordagem, revela como os sinais não apenas representam objetos ou ações, mas também refletem modos de pensar e agir situados culturalmente. Ao explorar as compreensões contextuais e os fatores sociais associados ao uso de sinais, conseguimos entender como ocorre a criação, disseminação e aceitação de novas variantes. Desse modo, essa pesquisa sob essas duas abordagens teóricas, é essencial para a valorização da língua e da cultura surda regional, pois busca reconhecer a diversidade de formas de expressão dentro da comunidade. Buscando contribuir, para o aprimoramento da formação acadêmica em Letras Libras e para o desenvolvimento de políticas linguísticas inclusivas e sensíveis à variação linguística.

2. A teoria variacionista, o léxico e o processo de formação de palavras, sob o prisma dos estudos linguísticos da Libras *versus* Língua portuguesa.

Quando estudamos uma língua em uma comunidade linguística específica, é comum encontrarmos variações em seu funcionamento. Desse modo, a variação linguística tem sido tradicionalmente abordada sob a ótica da Sociolinguística, que a interpreta como um fenômeno decorrente de fatores sociais, regionais e situacionais. Conforme mencionado por Silva (2017), aspectos como gênero, idade, status socioeconômico, atividades desenvolvidas e influências externas contribuem significativamente para tais variações. Essas diferenças afetam a formulação, o uso e o significado do léxico de uma língua. Sob outra perspectiva, que também considera o papel dos processos cognitivos do sujeito na variação linguística, encontra-se a Linguística Cognitiva. Para essa abordagem, a variação pode ser concebida como um processo profundamente enraizado na cognição humana, na experiência corporal e na estrutura conceitual que guia o uso da linguagem. A linguagem, nesse contexto, é entendida como um sistema autônomo, integrante do conjunto geral das habilidades cognitivas humanas (Langacker, 1987). Nesse campo teórico, a estrutura gramatical reflete processos mentais, experiências e interações com o mundo.

Como qualquer outra língua natural-verbal e visual humana, a Libras também passa pelo processo de variação linguística entre diferentes regiões do Brasil. Bagno (2007) discute que as variações linguísticas dentro de uma mesma língua, são influenciadas por elementos sociais (região, *status* socioeconômico do falante, nível de escolaridade e até mesmo seu gênero). Além desses fatores, é necessário entender, que a linguagem é composta de construções simbólicas que emergem do uso, podendo produzir variações linguísticas distintas. Assim, o falante ao interagir com o meio e com os pares linguístico-culturais, desenvolve esquemas imagéticos, representações cognitivas baseadas em percepção, movimento e orientação espacial (Langacker, 1987). Isso significa que variações

estruturais, refletem modos distintos de categorizar experiências, resultando em diferentes formas de expressar a mesma ideia. Observamos esse fenômeno com regularidade na Libras, a exemplo podemos citar o sinal de ESCOLA, que em Libras é constituído do sinal composto CASA + ESTUDAR = CASA^ESTUDAR.

No sinal de CASA, observamos que o formato visual executado com as duas mãos abertas em configuração de mão “B” ou “5”, tocando as pontas dos dedos entre si para formar um triângulo ou telhado imaginário de uma casa, que é um esquema visual amplamente reconhecido no espaço cultural urbano. Assim, nos é possível inferir que essa imagem está armazenada cognitivamente no repertório visual dos falantes surdos, no qual acessam essa memória perceptiva ao realizar o sinal. Neste exemplo, podemos também observar que o falante surdo, ao realizar esse sinal, ativa não apenas um conceito lexical, mas um modelo mental espacial que é compartilhado culturalmente. Esse tipo de motivação imagética e também sócio-cultural, explica como o sinal composto, CASA^ESTUDAR para ESCOLA, emergem naturalmente do uso e da associação conceitual entre os domínios: o local físico (CASA) e a atividade/ação (ESTUDAR), gerando a metáfora conceitual implícita “a escola é uma casa onde se estuda”, o que reafirma o papel da metáfora e da categorização cognitiva na estruturação da Libras.

No contexto da Linguística da Libras, a formação das palavras ocorre de maneira análoga às línguas orais. Inicialmente, as palavras tanto em línguas orais quanto em línguas de sinais surgem da combinação de unidades mínimas (parâmetros para a Libras ou fonemas para línguas orais) que formam os morfemas, que são as menores unidades formais dotadas de significado. Segundo Basílio (2014), a morfologia é definida como a parte da gramática que analisa a forma das palavras, enquanto para Quadros e Karnopp (2004), é o estudo da estrutura interna das palavras ou dos sinais, incluindo as regras que determinam sua formação. Dessa forma, na Linguística da Libras, a análise morfológica é essencial para compreender como os sinais compostos são formados e flexionados, contribuindo para uma compreensão mais profunda da estrutura da língua de sinais.

Podemos afirmar que dentro de uma língua, o conjunto de palavras forma o léxico, disponível para os falantes usarem conforme suas necessidades linguísticas, pois ele “traduz a experiência cultural acumulada por uma sociedade através do tempo; patrimônio vocabular de uma comunidade linguística através de sua história”. Basílio (2014, p. 9) diz que “o léxico categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção de enunciados”. Quadros e Karnopp (2004) relatam que a estrutura lexical da Libras é complexa, apresentando algumas propriedades presentes nas línguas de sinais, que não são encontradas nas línguas orais, a exemplo dessas propriedades distintas as autoras relatam que:

Um aspecto específico da modalidade do léxico da língua de sinais é o sistema separado de construções com classificadores que participam densamente na formação de novas palavras. Embora o termo classificador seja usado, estas construções diferem das línguas orais, e aspectos de sua construção são extremamente influenciados pela modalidade visual-espacial (Quadros; Karnopp, 2004, p. 93).

No entanto, mesmo nesse processo contendo essas diferenciações, o léxico tanto para as línguas orais e línguas de sinais, jamais será apenas um concatenamento de termos/palavras, que servem para decorarmos e colocarmos em prática. O léxico é sobretudo, um sistema “vivo”, e que não vem dado, completo e homogêneo. O sistema lexical de uma língua, é sempre muito heterogêneo, dinâmico, que varia ao longo do tempo e espaço em que a língua vai sendo inserida, vivenciada.

Tanto na modalidade visual-gestual quanto na oral-auditiva, as línguas apresentam uma variedade de expressões e percepções, cada uma com seu sistema lexical próprio, adaptado às necessidades linguísticas do grupo que a utiliza. Assim, os estudos lexicológicos demonstram que uma mesma língua pode conter múltiplos termos, sem que nenhum deles seja considerado certo ou errado. Nessa perspectiva, para dinamizar o léxico, as línguas humanas utilizam-se de processos de formação de palavras que permitem o surgimento de novas palavras dentro da estrutura lexical, aproveitando estruturas pré-existentes. E, esses processos de formação de palavras, são importantes para tornar o léxico eficaz, pois, caso contrário, com expansão lexical sem controle, seria improvável memorizarmos uma infinidade de novos termos. Sem esses mecanismos de formação de palavras, seria difícil acompanhar o surgimento de novos conceitos e termos, e a memorização de uma quantidade excessiva de palavras seria impraticável. Em consequência, isso tornaria a língua num sistema de comunicação ineficiente, já que sobrecarregaria nossa memória impedindo-nos de desenvolver uma comunicação automática, natural e fluída. A sobrecarga na memória pode tornar a língua um sistema de comunicação ineficiente, sendo respaldada pela teoria cognitiva da carga cognitiva.

Segundo essa teoria, proposta por Sweller (1988), a carga cognitiva se refere à quantidade de informação que a mente pode processar de uma só vez. Quando essa carga é excedida, ocorre uma sobrecarga cognitiva, prejudicando a capacidade de processamento e compreensão da informação. Esse conceito é aplicável não apenas à linguagem oral, mas também à linguagem visual, como é o caso da Libras, que demanda processamento visual e espacial. Assim, mecanismos cognitivos permitem que o falante generalize padrões e relacione novas palavras com experiências anteriores, reduzindo a sobrecarga na memória de longo prazo e facilitando o acesso lexical. A formação de palavras, nesse sentido, não ocorre de forma aleatória, mas segue esquemas mentais que possibilitam a criação de termos compreensíveis, mesmo que recém-introduzidos na língua. Por exemplo, quando um sinal composto na Libras é formado por dois sinais já conhecidos, o cérebro do usuário pode processá-lo de forma rápida e eficiente por meio de mecanismos como a composição, a metáfora e a metonímia, amplamente discutidos na literatura da Linguística Cognitiva.

Por isso que esse processo tem uma função muito importante em nossa comunicação diária, em todas as formas de materialização da linguagem, sejam em som, ou sinais visuais. Na próxima seção, iremos trazer, de modo sucinto, como acontece em alguns casos a formação de sinais compostos em Libras. Assim, compreender como ocorre esses fenômenos, é de grande importância, além de identificarmos os tipos de variações presentes nos exemplos selecionados e perceber sua relação com o processo cognitivo corporal simbólico desses sujeitos.

2.1. Formação de sinais compostos na Libras

A composição na Libras, ocorre quando a palavra/sinal é formada pela união de dois ou mais radicais (morfemas livres ou presos⁶), podendo ocorrer por justaposição ou por aglutinação. Felipe (2006, p. 207) ressalta que no processo de composição de sinais, a Libras “utiliza-se de itens lexicais que são morfemas livres que se justapõem ou se aglutinam para formar um novo item lexical”, ou seja, um sinal composto. Na justaposição, dois ou mais sinais que formam o composto são realizados em sua totalidade, ou seja, sinais que compõem a palavra composta são completamente sinalizados sem nenhuma alteração nos parâmetros. Podemos observar este fato no composto COMER^MEIO-DIA⁷ (Almoço), no qual não há nenhuma alteração nos parâmetros na realização do composto.

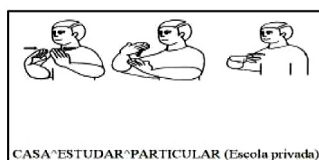
Figura 1: Sinal composto de Almoçar/Almoço



Fonte: (Capovilla; Raphael; Maurício, 2009, p. 2015).

No processo de aglutinação, algum ou alguns dos parâmetros de um, dois ou mais sinais utilizados na composição sofre alguma modificação ou não é realizado. A exemplo desse processo temos o sinal CASA^ESTUDAR^PARTICULAR (Escola privada), no qual o sinal de estudar e de particular sofrem alteração no parâmetro movimento, havendo uma supressão no movimento de ESTUDAR e PARTICULAR.

Figura 2: Sinal de Escola Privada



Fonte: (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2009).

⁶ Os morfemas presos não podem, sozinhos, constituir uma palavra. Eles precisam sempre se juntar a outros morfemas para formar uma palavra. Disponível em: <https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/estudosLinguisticos/scos/cap11969/1.html#:~:text=Os%20primeiros%2C%20como%20parede%2C%20mesa,outros%2C%20s%C3%A3o%20chamados%20morfemas%20presos>, Acesso em: 07 ago. 2024.

⁷ Escrevemos os sinais em Libras em caixa alta, para representar um sinal em Libras. Esta forma de representação chama-se sistema de transcrição Libras-Português. De acordo com Quadros, Karnopp (2004) o sistema de transcrição é uma ferramenta utilizada para representar graficamente a língua de sinais brasileira (Libras) por meio da escrita em língua portuguesa. Ao transcrever sinais em Libras para o sistema Libras-Português, são consideradas as características gramaticais e estruturais da língua de sinais, bem como as variações regionais e contextuais.

Quadros e Karnopp (2004, p. 103-105) descrevem três fenômenos linguísticos que promovem a formação de sinais compostos na Libras, que são:

- 1) Regra do contato: Frequentemente um sinal inclui algum tipo, seja no corpo, seja na mão passiva. Em compostos, o primeiro, o segundo, ou o único contato é mantido. Isto significa que se dois sinais ocorrem juntos para formar um composto e o primeiro sinal apresentar contato este contato tende a permanecer. Se o primeiro sinal não apresenta contato, mas o segundo sim este contato permanece na composição. [...]. Como exemplo aplicados a essa regra têm-se: ESCOLA (casa + estudar).
- 2) Regra da sequência única: Quando compostos são formados na língua de sinais brasileira, o movimento interno ou a repetição do movimento é eliminada. Os sinais PAI e MÃE (isoladamente) apresentam movimento repetido. No entanto, se os sinais PAI+MÃE ocorrem juntos formando um sinal composto, denotando PAIS, a repetição ou o movimento interno do dedo é eliminado.
- 3) Regra da antecipação da mão não-dominante: Quando dois sinais são combinados para formar um composto, frequentemente acontece que a mão passiva do sinalizador antecipa o segundo sinal no processo de composição. Por exemplo no sinal BOA + NOITE, observa-se que a mão não-dominante aparece no espaço neutro em frente ao sinalizador com uma configuração de mão que envolve o sinal composto.

(Quadros; Karnopp, 2004, p. 104-105)

O que devemos observar na composição dos sinais, é que o significado do sinal composto é sempre distinto dos significados dos sinais que lhes deram origem, não sendo possível prever o significado do sinal composto pelos significados dos sinais que o formou. Figueiredo Silva e Sell (2009), traz uma classificação dos compostos na Libras dividindo-os em: compostos aparentes, verdadeiros e frasais. Segundo as autoras, os compostos aparentes são aqueles que aparentemente classifica-se como compostos mas, que ao analisá-los percebe-se que podem não ser, necessitando de estudos mais criteriosos para defini-los como compostos ou não. Assim, as autoras citam alguns dos exemplos que apresentamos no quadro abaixo.

Quadro 1: Lista de possíveis sinais compostos

a. BEBÊ^HOMEM / BEBÊ^MULHER [bebê - menino ou menina]	a. HOMEM^BEBÊ / MULHER^BEBÊ [bebê - menino ou menina]
b. JOVEM^HOMEM / JOVEM^MULHER [rapaz/moça]	b. HOMEM^JOVEM / MULHER^JOVEM [rapaz/moça]
c. TI@^HOMEM / TI@^MULHER [tio/tia]	c. HOMEM^TI@ / MULHER^TI@ [tio/tia]
d. FILH@^HOMEM / FILH@^MULHER [filho/filha]	d. HOMEM^FILH@ / MULHER^FILH@ [filho/filha]
e. VIUVEZ^HOMEM / VIUVEZ^MULHER [viúvo/viúva]	e. HOMEM^VIUVEZ / MULHER^VIUVEZ [viúvo/viúva]
f. PRIM@^HOMEM / PRIM@^MULHER [primo/prima]	f. HOMEM^PRIM@ / MULHER^PRIM@ [primo/prima]
g. IRM@^HOMEM / IRM@^MULHER [irmão/irmã]	g. HOMEM^IRM@ / MULHER^IRM@ [irmão/irmã]
h. AMANTE^HOMEM / AMANTE^MULHER [o amante / a amante]	h. HOMEM^AMANTE / MULHER^AMANTE [o amante / a amante]

Fonte: (Figueiredo Silva; Sell, 2009, p.17 e 18).

Observa-se que os sinais **HOMEM** e **MULHER**, utilizados para compor outros sinais, são tidos como compostos aparentes, ou seja, não são compostos verdadeiros, visto que podem ser sinalizados antes ou depois do sinal (nome) que se queira marcar o gênero, como nos sinais **MULHER^FILH@** (filha) ou **FILH@^MULHER** (filha), por exemplo. Por esse motivo, como cita Figueiredo Silva e Sell (2009), **HOMEM** e **MULHER** são caracterizados como compostos aparentes, tendo em vista que na formação de composições verdadeiras a ordem dos morfemas constituintes são invariáveis. Do mesmo modo em que, não convém chamar o processo de “flexão de gênero”, pois não se observa a obrigatoriedade, a regularidade e o desencadeamento de concordância, discutidas por Câmara Jr. (1970) como regras de um processo flexional.

Outro caso de compostos aparentes, denominado por Figueiredo Silva e Sell (2009) de quantificação genérica, são as composições formadas a partir de um sinal protótipo, geralmente **NOME + VÁRI@S**, como em **LEÃO^VÁRI@S** (animais) e **MAÇÃ^VÁRI@S** (frutas), por exemplo. Escolhe-se nesse tipo de composição, um elemento protótipo que queira classificar (frutas, vestuário, ferramentas, alimentos e etc.) e acrescenta-se o sinal de **VÁRI@S**, que isoladamente é realizado com as duas mãos, mas que no produto da composição é feito com uma ou duas mãos, como mostramos a seguir.

Figura 3: composto aparente em Libras



Fonte: (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2009).

Compostos Verdadeiros para Figueiredo Silva e Sell (2009), podem surgir da composição (**HOMEM + Nome/Verbo**) e (**MULHER + Nome/Verbo**), (**SER HUMANO**classificador + Nome/verbo) ou (**PESSOA + Nome/verbo**) designando compostos que representam profissionais, como em **HOMEM^VIGIAR** (Vigia), **HOMEM^CONSTRUÇÃO** (pedreiro), **HOMEM^FEIRA** (feirante), **PESSOA^VENDER** (vendedor).

Figura 4: Compostos Verdadeiros



Fonte: (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2009).

Segundo Figueiredo Silva e Sell (2009), o que diferencia esses compostos que designam profissões dos compostos aparentes é que nestes os termos que originam o composto possuem ordem fixa (invariável), ou seja, a ordem CONSTRUÇÃO^HOMEM é agramatical para esse tipo de formação. E, os compostos frasais são formados por três ou mais sinais, como exemplo as autoras citam:

- | | |
|---------------------------------|----------------------------------|
| a. CASA^VENDA^PAPEL [papeleria] | d. CASA^GRUPO^PRESO [presídio] |
| b. CASA^VENDA^CARNE [açougue] | e. CASA^DORME^PRESO [orfanato] |
| c. CASA^GRUPO^VELHO [asilo] | f. CASA^CRIANÇA^ADOTA [orfanato] |

Fonte: Figueiredo Silva e Sell (2009)

Pode-se observar, que os compostos que representam lugares/locais possuem o sinal CASA como uma ordem fixa e obrigatória na junção dos sinais originários.

3. Percorso metodológico

Realizamos uma pesquisa de campo de natureza qualitativa com abordagem analítica descritiva. Como participantes do estudo, contamos com a colaboração de três estudantes surdos do 2º período do curso de Letras Libras da UFPI, ano de 2018. Esses participantes estavam no início do curso e nesse período ainda não tiveram contato com os conceitos e referências sobre a Linguística da Libras.

Devido ao número limitado de alunos surdos matriculados no segundo período, contamos com apenas três informantes para este estudo. Utilizamos como instrumentos de coleta, análise e comparação de dados um conjunto de 21 imagens não verbais projetadas, organizadas aleatoriamente em slides. De forma que, os alunos não fizessem associação às categorias, as quais representavam sinais compostos encontrados em obras de autores como Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006), Takahira (2012), Minussi e Takahira (2013), Figueiredo Silva e Sell (2009), além do dicionário Novo Deit-Libras de Capovilla; Raphael; Mauricio (2009). Também incluímos imagens adicionais, que tivessem relação com o cotidiano dos 3 participantes, como objetos, animais, pessoas, profissionais e locais, com base em nossa experiência prévia com a Libras e a comunidade surda local, a fim de identificar sinais compostos potenciais. Os equipamentos utilizados durante a pesquisa incluíram, uma câmera filmadora, um celular, um projetor de slides e um notebook.

Realizamos a coleta de dados em uma sala de aula conhecida pelos três alunos, com o objetivo de proporcionar um ambiente confortável e encorajador para que se sentissem à vontade durante a comunicação em Libras. Apresentamos um conjunto de 21 imagens e solicitamos aos alunos que realizassem os sinais correspondentes a cada uma delas. Conforme os estudantes sinalizavam, fizemos perguntas adicionais sempre que surgiam demandas decorrentes das respostas e comentários feitos por eles durante a coleta de dados. Após a coleta inicial, procedemos ao mapeamento dos sinais produzidos pelos três surdos, subdividindo as imagens e seus sinais correspondentes em duas

categorias principais: animais e pessoas. Optamos por essa categorização por entendermos que ela poderia influenciar nas regularidades e variações linguísticas observadas.

Durante o mapeamento, distinguimos entre sinais simples e compostos, investigando por que determinadas imagens, que originaram sinais simples, não resultaram em sinais compostos. Em seguida, identificamos os sinais realizados pelos surdos que coincidiam com os sinais de referência encontrados na literatura selecionada. Realizamos uma análise comparativa desses sinais em relação aos de referência, seguida por uma catalogação e análise dos sinais variantes produzidos pelos alunos surdos. Na análise dos sinais compostos, que representam variações em relação aos sinais de referência, procuramos identificar as semelhanças e diferenças entre os compostos variantes e os de referência, além de verificar quais variações linguísticas sociológicas e cognitivas predominavam na constituição e uso desses sinais.

4. Resultados e discussões

Para iniciarmos a coleta, utilizamos uma câmera filmadora voltada para os pesquisadores e as imagens projetadas, e uma câmera de celular posicionada discretamente para os 3 alunos surdos. Assim, as imagens não verbais eram projetadas e, na medida que os alunos as visualizavam, realizavam os sinais. Quando necessário, fazíamos perguntas para obtermos informações outras, como por exemplo, uso de sinais sinalizados em contextos sociais. Os estudantes surdos, participantes da pesquisa, sinalizaram situações cotidianas em que os sinais apresentados por eles eram utilizados.

4.1. Perfil dos alunos surdos participantes

Participaram desta pesquisa 3 alunos surdos matriculados no 2º período do curso Letras Libras da UFPI no ano 2018. Para mantermos a identidade dos participantes em sigilo, os denominamos: 1º Aluno (A1), 2º Aluno (A2) e 3º Aluno (A3). Ver quadro 2 perfil dos participantes:

Quadro 2: Perfil dos 3 alunos surdos participantes da pesquisa

Participantes	Sexo	Idade	Nasceu surdo	Nasceu ouvinte	Idade que adquiriu a surdez	Idade que aprendeu Libras	Onde/como aprendeu Libras
A1	M	20	Sim	-	-	08	No CAS ⁸ (Tendo aulas de Libras e contato com surdos fluentes que frequentavam essa instituição)
A2	F	25	Não	Sim	03 (causa: Meningite)	18	Numa escola de Piracuruca/PI, chamada Anísio.
A3	F	33	Não	Sim	04 (trauma provocado por um acidente)	24	Aprendeu tendo contato com 03 surdos fluentes no primeiro emprego.

Fonte: Elaboração dos autores

⁸ Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez - CAS.

No quadro 2, observamos diferenças significativas no perfil linguístico dos participantes da pesquisa. O participante A1 é surdo de nascença e teve contato com a Libras desde a infância, enquanto os participantes A2 e A3 nasceram ouvintes mas, perderam a audição ainda na infância, antes da aquisição da linguagem oral, vindo a aprender Libras apenas na vida adulta. Esse dado é fundamental tanto para a Sociolinguística, quanto para a Linguística Cognitiva, pois evidencia o impacto das condições de aquisição da língua na formação linguística e cognitiva do sujeito surdo falante de Libras.

Segundo Quadros e Cruz (2011), a aquisição precoce da língua de sinais é crucial para o desenvolvimento linguístico e cognitivo de crianças surdas, sobretudo na fase sensível da linguagem, que ocorre até os quatro anos de idade. A ausência de *inputs* linguísticos nesse período compromete não apenas o domínio da língua, mas também o desenvolvimento de competências cognitivas associadas, como a categorização, a memória de trabalho e a organização do pensamento. Sob a ótica da Linguística Cognitiva, autores como Langacker (1987) e Lakoff e Johnson (2002) argumentam que a linguagem está profundamente enraizada na experiência corporal e na interação com o mundo. Ou seja, a aquisição da linguagem é um processo que depende do uso repetido e significativo da língua em contextos reais. Para esses autores, os conceitos linguísticos são construções simbólicas baseadas em esquemas imagéticos, metáforas e modelos mentais que são formados desde os primeiros anos de vida.

Dessa forma, a aquisição tardia da Libras por A2 e A3 não afeta apenas a fluência linguística, mas também limita a construção de esquemas cognitivos fundamentais para o desenvolvimento do sujeito falante. Como explica Goldberg (1995), as construções linguísticas não apenas veiculam significado, mas são significadas; ou seja, elas moldam a forma como os sujeitos percebem e interagem com o mundo. Quando essas construções são adquiridas tardiamente, uma parte importante da cognição linguística pode ficar comprometida. Além disso, conforme aponta Croft (2001), a variação linguística observada entre falantes/sinalizantes reflete não apenas fatores sociais, mas também diferentes trajetórias cognitivas de aquisição da linguagem. Isso nos leva a considerar que as escolhas linguísticas feitas pelos participantes, como o uso ou não de sinais compostos convencionais ou variantes, estão relacionadas à forma como suas experiências sensorio-motoras e sociais moldaram suas representações mentais da língua.

4.2. Observações analíticas catalogadas durante a coleta de dados

A coleta de dados foi realizada inicialmente de forma individual, com a apresentação sequencial de imagens a cada participante surdo. Nesse momento, observamos que o participante A1, exposto à Libras desde a infância, demonstrou fluidez, espontaneidade e segurança na produção dos sinais. Essa proficiência, pode ser compreendida como resultado da consolidação precoce de esquemas imagéticos, que são estruturas cognitivas básicas baseadas em experiências corporificadas, como percepção visual, orientação espacial e padrões de movimento (Langacker, 1987). A internalização desses esquemas desde os primeiros anos de vida, permite que o sinal seja ativado automaticamente, sem esforço consciente.

Por outro lado, o participante A2, que teve contato com a Libras apenas aos 18 anos, demonstrou conhecimento dos sinais apresentados, mas sua produção era hesitante e reflexiva. Em alguns momentos, observou-se um pequeno intervalo entre a visualização da imagem e a execução do sinal, indicando um maior esforço cognitivo para acessar ou recuperar construções linguísticas, que de acordo com Goldberg (1995), são associações recorrentes entre forma e significado que se sedimentam com o uso. Quando esse uso é tardio, ou pouco frequente, as conexões cognitivas entre os elementos linguísticos e seus significados ainda estão em formação, exigindo maior esforço para serem ativadas.

Já o participante A3, que começou a aprender Libras aos 24 anos, relatou insegurança e dificuldade para se lembrar dos sinais durante a coleta individual. Sua ansiedade pode estar relacionada ao processo ainda incipiente de formação de modelos mentais linguísticos que, segundo Lakoff e Johnson (2002), são constituídos a partir da experiência concreta e da interação social. Como a aquisição tardia da língua limita a frequência e a variedade dessas experiências linguísticas, o acesso às construções torna-se mais frágil e instável, resultando em lapsos que podem gerar a insegurança observada no participante.

No segundo momento da coleta, quando as imagens foram apresentadas simultaneamente aos três participantes, verificou-se uma mudança significativa no comportamento linguístico de A2 e A3. Ambos demonstraram maior confiança e fluidez na produção dos sinais. O participante A3, inclusive, foi capaz de se lembrar de sinais que havia esquecido na etapa anterior. Essa melhora pode ser explicada por um princípio fundamental da Linguística Cognitiva, segundo o qual a linguagem é essencialmente situada e interacional. Ou seja, o uso da língua em contextos comunicativos reais e coletivos favorece a emergência e o reforço de construções linguísticas, permitindo que o conhecimento linguístico se atualize e se expanda. Além disso, o ambiente colaborativo e o apoio dos pares, especialmente do participante A1, funcionaram como facilitadores para o acesso às construções linguísticas e para a (re)construção de representações cognitivas associadas aos sinais. Ao concordarem com os exemplos dados por A1 e até mesmo ampliarem esses exemplos com base em suas próprias experiências, A2 e A3 demonstraram que a linguagem não se limita ao domínio individual, mas é construída socialmente, em práticas interativas concretas.

4.3. Análise dos sinais coletados

Mapeamos os sinais gerados a partir de 21 imagens não verbais divididas em 2 categorias (animais e pessoas), que foram organizadas aleatoriamente em slides, de forma que os alunos não fizessem associação às categorias. Dos sinais mapeados, identificamos 11 compostos que se diferenciam dos sinais referentes contidos nas pesquisas e literatura acadêmica utilizadas para comparação e análise, assim, identificamos na sinalização dos alunos participantes 12 sinais simples e classificadores. Desses 12 sinais simples, prevíamos o surgimento somente de 4, exatamente aos que se referiam aos signos de: professor, rato, criança e médico, inserimos as imagens referentes a esses signos, pois,

O uso de sinais compostos por estudantes surdos do curso de Letras-Libras da UFPI: um estudo pelo viés sociolinguístico e abordagem cognitiva

nas referências, os signos linguísticos para *rato* e *criança* surgem em algumas referências como compostos e o signo *professor* e *médico* sempre aparecem como simples, mas os colocamos por fazermos uma comparação com categoria profissionais, na qual observa-se o surgimento de sinais compostos que, no caso desses termos, os mesmos se comportam como exceções.

Em nossas pesquisas sobre variações linguísticas, identificamos que os dados analisados se enquadram nas variações de natureza sociológica e cognitiva. Essas variações referem-se a sinais ou palavras que, embora sejam realizados ou escritos de formas diferentes aos da literatura de referência, compartilham o mesmo sentido. O quadro 3 apresenta a correspondência em Língua Portuguesa (LP) das imagens analisadas, bem como os sinais simples e classificadores produzidos pelos alunos, registrados por meio da escrita de sinais (SignWriting). Além disso, foi inserido um código QR que direciona para um vídeo no YouTube, no qual um dos autores do artigo realiza a sinalização em Libras.

Quadro 3: Signos linguísticos que não geraram sinais compostos na sinalização dos participantes.





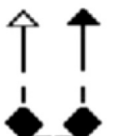





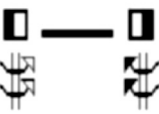











Imagem utilizada	Signo linguístico em Língua LP	Signo linguístico produzido pelos alunos surdos em Escrita de Sinais.
 https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/postos-de-saude-terao-funcionamento-diferenciado-durante-o-feriado	Hospital / Posto de saúde	 
 https://www.otvfoco.com.br/adeus-biscoito-foi-arrancado-dos-mercados-apos-anos-e-fez-os-clientes-implorarem-pelo-seu-retorno/	Supermercado	 
 http://www.ma.gov.br/novo-presidio-de-pinheiro-esta-95-concluido-e-tera-306-novas-vagas/	Cadeia/ presídio	 
 https://artvendas2019.wixsite.com/website	Academia	 

Imagem utilizada	Signo linguístico em Língua LP	Signo linguístico produzido pelos alunos surdos em Escrita de Sinais.
 https://www.istockphoto.com/br/foto/grupo-de-envolver-as-crian%C3%A7as-gm175440993-20475581	Crianças/criança	
 https://redenoticias.com/boa-esperanca-abre-inscricao-para-contratacao-de-medico/	Médico	
 https://sincoverg.org.br/qual-e-o-salario-de-um-motorista-de-onibus-saiba-mais-sobre-a-remuneracao-da-categoria/	Motorista	
 https://www.nzherald.co.nz/nz/poll-backs-plan-for-better-teachers/4E5Z26WR35JFRGK24MYKGXHK3U/	Professor	
 https://opetroleo.com.br/empresa-de-alimentacao-offshore-contrata-padeiro/	Padeiro	

Fonte: Elaboração dos autores

No quadro 3, foram apresentadas imagens que representavam locais/espços e profissões/profissionais, cujas representações visuais poderiam, por inferência às regras composicionais da Libras, motivar a produção de sinais compostos. Observamos que, em muitos casos, os sinais produzidos pelos participantes eram sinais simples, apesar da expectativa composicional sugerida pelas imagens. Essa constatação nos leva a refletir sobre o papel da economia linguística e da iconicidade cognitiva, tanto do ponto de vista sociolinguístico quanto cognitivo, na variação e uso da Libras em contextos naturais de uso.

É recorrente, na formação de compostos que representam espaços/lugares, o uso do sinal de CASA+ [o sinal ou classificador que representa esse espaço/lugar]. Isso ocorre, por exemplo, para o sinal de ESCOLA (CASA^ESTUDAR⁹) e IGREJA (CASA^CRUZ¹⁰). Da mesma forma, para significar profissões/profissionais, é comum surgirem compostos com a seguinte construção: sinal de PROFISSÃO/PROFISSIONAL + [o sinal ou classificador que representa a atividade/curso/profissão]. Um exemplo é a variação para pedreiro, que pode ser PROFISSÃO^CONSTRUIR¹¹, e outro é a representação de Babá, que em Libras pode ser o sinal composto de PROFISSÃO^CUIDADAR^BEBÊ(cl¹²).

Para representar criança(s) em Libras, existem duas variações comuns: o sinal simples, conforme consta no quadro 3, e o sinal composto BABAR^BAIXO¹³. Deste modo, ao explorarmos imagens de locais/espacos e profissões/profissionais, notamos a produção de alguns sinais simples. Realizamos uma pesquisa na internet, especificamente no site do YouTube, e observamos que esses mesmos signos linguísticos também são representados como sinais simples. Isso sugere que tanto na comunidade surda local quanto em outras regiões, as imagens apresentadas no quadro 3 geraram sinais simples, indicando que não há uma regra rígida para a formação de compostos em Libras.

Ainda referente às observações que realizamos no quadro 3, notamos a presença da iconicidade, neste caso usamos o entendimento de iconicidade pela perspectiva da Linguística Cognitiva. Para a Linguística Cognitiva, iconicidade é compreendida como uma relação motivada entre a forma linguística e seu significado, Wilcox (2004, p. 122) diz que a

iconicidade cognitiva é definida não como uma relação entre a forma de um sinal e o que ele se refere no mundo real, mas como uma relação entre dois espaços conceituais. Iconicidade cognitiva é uma relação de distância entre os polos fonológicos e semânticos de estruturas simbólicas¹⁴.

Nesse sentido, os sinais analisados revelam motivações tanto visuais quanto semânticas que refletem experiências corporificadas e socialmente compartilhadas no mundo real. No sinal HOSPITAL/POSTO DE SAÚDE, a motivação icônica remete ao antigo uniforme de enfermeiros, que incluía um gorro com a cruz vermelha. Este símbolo é internacionalmente reconhecido como representação de assistência e proteção médica (CICV, 2007), e ativa, no espaço conceptual, a associação visual com cuidado e neutralidade. No sinal SUPERMERCADO, o motivador visual na

⁹ Ver sinal em: https://www.youtube.com/watch?v=iA_E605MVmM

¹⁰ Ver sinal em: <https://www.youtube.com/watch?v=nc-2EudPkYc>

¹¹ Ver sinal em: https://www.youtube.com/watch?v=J6_qIW5Fn8I

¹² Ver sinal em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pu6y02VmyY4>







¹³ Ver sinal em: <https://www.youtube.com/watch?v=sjhM6XacFU0>





¹⁴ Citação na língua original: Cognitive iconicity is defined not as a relation between the form of a sign and what it refers to in the real world, but as a relation between two conceptual spaces. Cognitive iconicity is a distance relation between the phonological and semantic poles of symbolic structures.

ação verbal de empurrar o carrinho de supermercado, assim, iconicidade reside na ação de empurrar o carrinho, gesto amplamente reconhecido e mapeado corporalmente, representando visualmente o ato de fazer compras. Observamos no sinal de PRESÍDIO, realizado com as duas mãos em “V” cruzadas à frente do corpo, remetendo às grades de uma cela. Aqui, a experiência visual do encarceramento é projetada cognitivamente no sinal, permitindo sua interpretação rápida e motivada.

No sinal de MÉDICO/MEDICINA, observa-se uma referência à ação médica de testar o reflexo patelar, com configuração de mãos imitando o gesto de bater o martelo no joelho. A iconicidade aqui envolve um evento corporal e funcional, projetado como representação da prática médica. No sinal de MOTORISTA, as mãos configuradas em “5” ou “V” sobre os ombros fazem referência direta às epaulettes, faixas com botão presentes no uniforme de motoristas de ônibus. Esse elemento visual do fardamento é abstraído e utilizado como recurso icônico no sinal, refletindo conhecimento enciclopédico e socialmente distribuído. No sinal de PROFESSOR, sinalizado com a mão em “P” realizando movimento semicircular sugere o deslocamento do professor em sala de aula, simbolizando a dinâmica da interação pedagógica. A imagem mental evocada é a do docente circulando entre os alunos, reforçando o papel interativo e comunicativo da profissão. E, no sinal de PADEIRO, identificamos que a ação de sovar a massa está diretamente representada no gesto, refletindo uma experiência manual e sensorial comum associada ao ofício de panificação. No entanto, no quadro 4, observamos que parte dos sinais simples discutidos no quadro 3 aparecem na literatura utilizada como referência para esta pesquisa, como sinais compostos. Vejamos esses sinais no quadro 4.

Quadro 4: Sinais compostos contidos na Literatura selecionada como referência *versus* sinais simples realizados pelos participantes.

Item	Literatura Utilizada	Compostos contido na Literatura	Sinais simples produzidos pelos alunos.	Representação do sinal em LP.
01	FIGUEIREDO SILVA, M. C.; SELL, F. F. S. Algumas notas sobre os compostos em português brasileiro e em LIBRAS. (2009).			Cadeia/ Presídio
02	CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. Novo Deit-Libras, (2009).			Hospital/Posto de saúde
03	CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. Novo Deit-Libras, (2009).			Supermercado

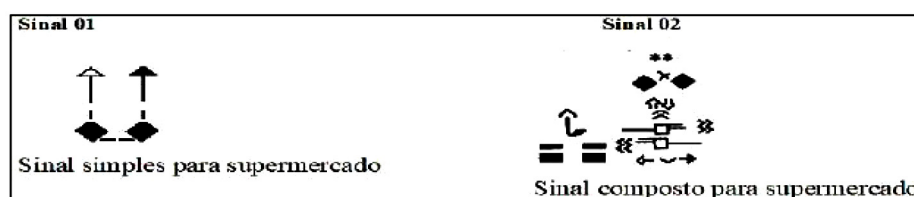
04	CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. Novo Deit-Libras, (2009).			Academia
05	CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. Novo Deit-Libras, (2009).			Criança

Fonte: Elaboração dos autores.

Ao observar o quadro 4, percebemos que, dos nove sinais simples produzidos pelos alunos (ver quadro 3), cinco deles (ver quadro 4) são descritos como sinais compostos na literatura de referência. Notamos que, entre esses cinco sinais, quatro — CADEIA/PRESÍDIO, HOSPITAL/POSTO DE SAÚDE, ACADEMIA e CRIANÇA — apresentam variações resultantes do fenômeno da economia linguística. Nessas variações, os alunos mantêm, em suas produções, o último sinal do composto descrito na literatura, o que nos permite inferir que esse sinal simples condensa ou carrega o significado principal do signo linguístico correspondente (ver itens 01, 02, 04 e 05 no quadro 4). Essa condensação de sentidos nos leva a refletir sobre a teoria da economia linguística discutida por Lyons (1995) e Martinet (1991), segundo a qual os falantes de uma língua tendem, naturalmente, a realizar modificações fonológicas e morfológicas, tornando a comunicação mais prática e eficiente.

Ainda sobre a questão da economia linguística, a Linguística Cognitiva fornece fundamentos importantes para compreender a motivação dessa condensação de sentido, ou seja, a tendência das línguas a condensar significado em formas cada vez mais eficientes, sem perda de inteligibilidade e sentidos. Como já destacado por Langacker (1987), a linguagem é composta por construções simbólicas cognitivamente motivadas, que emergem da interação entre experiência corporal, percepção, categorização e uso frequente. Nesse quadro teórico, a forma linguística não é arbitrária, mas motivada por esquemas imagéticos e estruturas conceituais moldadas pela experiência. Em outras palavras, sinais simples que representam conceitos complexos, como “supermercado”, podem ser interpretados como esquemas imagéticos condensados, em que a configuração manual e o movimento codificam, de forma altamente simbólica, toda a cena prototípica associada ao conceito. Neste sentido é mais econômico sinalizar “supermercado” de acordo com o sinal 01, do que com o sinal 02 na imagem seguinte:

Figura 5: Sinal de supermercado na região de pesquisa



Fonte: Elaboração dos autores (retirado do dicionário Capovilla, 2009).

Um exemplo claro desse fenômeno é observado no sinal SUPERMERCADO destacado pelo sinal 01 e 02 na imagem acima. No Dicionário Deit Libras (2009), o sinal composto aparece como OBJETO^VÁRI@^EMPURRAR-CARRINHO(CI), sinal 02. Observamos que no sinal 02, o classificador EMPURRAR-CARRINHO é realizado com a Configuração de Mãos (CM) em “S”, representando o gesto icônico de empurrar um carrinho de compras. Já na sinalização espontânea dos alunos surdos, imagem do sinal 01, observamos uma forma mais econômica, onde o sinal aparece simplificado e com variação na CM para “Y”. Nesse caso, há uma condensação semântica, em que o movimento e a configuração manual evocam, de forma resumida, a cena prototípica associada ao ato de comprar em um supermercado. Essa condensação é uma forma de economia linguística cognitivamente motivada, que, segundo Lakoff e Johnson (2002) e Croft (2001), reflete operações mentais de generalização, categorização e esquematização. A complexidade do sentido não se perde, mas é comprimida em um gesto significativo e funcional, favorecendo tanto a economia articulatória quanto a eficiência cognitiva na codificação da experiência no real.

Outro aspecto linguístico interessante que encontramos no quadro 4, foi em relação ao sinal composto ACADEMIA, item 04, que na literatura, sua construção ocorre pela combinação do sinal de SALA/QUADRADO + Sinal de EDUCAÇÃO FÍSICA = SALA^EDUCAÇÃO FÍSICA¹⁵. Curiosamente, essa estrutura foge ao padrão mais comum em Libras, no qual espaços físicos são representados pelo composto CASA + [função ou atividade]. A escolha por “SALA” em vez de “CASA” sugere uma reorganização dos esquemas conceituais associados à ideia de “instituição” ou “ambiente de prática orientada”, priorizando o aspecto funcional do espaço em vez da sua estrutura física ou doméstica. Trata-se, aqui, de um caso de abstração funcional motivada por metonímia conceitual, na qual o elemento mais relevante para o falante é mantido, enquanto os redundantes são suprimidos, um mecanismo típico da economia linguística.

Assim, em ambos os casos, a economia linguística em Libras não deve ser entendida como simplificação arbitrária, mas como uma otimização motivada por processos cognitivos. Como destacam Cunha e Martins (2012), a construção de significados ocorre a partir de esquemas mentais compartilhados, organizados com base na experiência sensório-motora, nas práticas culturais e no uso reiterado, isso nos mostra que a linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas também um reflexo da forma como percebemos, organizamos e interagimos cognitivamente, corporalmente e socialmente com o mundo.

4.4. Análise dos sinais compostos realizados pelos alunos surdos

Neste subtópico, abordaremos as análises e comparações entre os sinais rejeitados (compostos presentes na literatura de referência) e os sinais substitutos (compostos utilizados pelos alunos participantes), identificando suas semelhanças e diferenças. Os sinais foram categorizados em duas classes: animais (quadro 5) e pessoas (quadro 6). A fim de tornar a leitura e compreensão dos dados





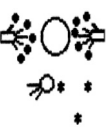

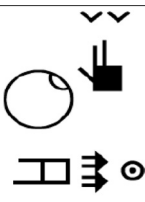
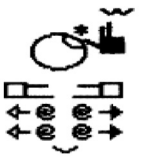

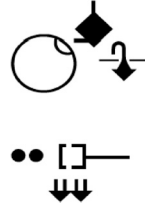
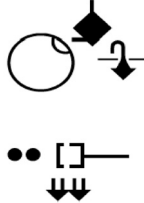
¹⁵ Ver sinal em: <https://www.youtube.com/watch?v=tjoeNv9zTeo>

O uso de sinais compostos por estudantes surdos do curso de Letras-Libras da UFPI: um estudo pelo viés sociolinguístico e abordagem cognitiva

mais acessíveis, atribuímos as seguintes denominações às referências: Dicionário Novo deit-Libras de Capovilla; Raphael; Mauricio (2009) de R1; Takahira (2012) de R2; Minussi e Takahira (2013) de R3; Figueiredo Silva e Sell (2009) de R4; Felipe (2006) de R5 e Quadros e Karnopp (2004) de R6.

a) Análise dos Sinais rejeitados e substitutos quanto à categoria animais

Quadro 5: Identificação e análise dos compostos analisados pelos participantes e os contidos nas referências quanto à categoria animais.

Itens	Imagem	Signo linguístico em Português	Sinais realizados pelos alunos	Sinais encontrados nas referências	Referência
01	 https://www.todamateria.com.br/animais-em-extincao/	Onça	Sinal 01  Sinal 02 	Sinal 01  Sinal 02 	R1
02	 http://www.jornalciencia.com/11-grandes-curiosidades-que-voce-nao-sabia-sobre-as-zebras/	Zebra		CAVALO + LISTRA-PELO-CORPO 	R5 R1
03	 https://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/pecuaria/mais-cara-que-uma-ferrari-conheca-a-vaca-de-r-2-milhoes-6ay7q3pz9dm0jj626p8qu56pg	Vaca			R1

Fonte: Elaboração dos autores


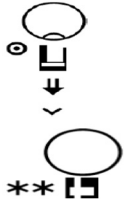
Ao analisarmos o quadro 5, observamos a ocorrência de três sinais compostos pertencentes à categoria animais. A comparação entre os sinais produzidos pelos alunos e aqueles registrados em fontes de referência revela uma convergência significativa, tanto nos aspectos fonético-morfológicos quanto semânticos. Essa correspondência sugere não apenas um alinhamento linguístico com os padrões estabelecidos, mas também indica que os alunos surdos reconhecem e aceitam essas construções como convencionais em Libras.

Essa regularidade pode ser compreendida como resultado da interação entre esquemas imagéticos compartilhados e processos de categorização conceitual. Segundo Langacker (2011), a linguagem é utilizada a partir da ativação de estruturas mentais que organizam o conhecimento com base nas experiências sensoriais e socioculturais do sujeito falante. No caso dos sinais analisados, mesmo sem contato visual direto com certos animais, como a zebra, por exemplo, os alunos são capazes de produzir corretamente o sinal correspondente. Isso evidencia a presença de esquemas mentais estruturados a partir de metáforas visuais e descrições aprendidas socialmente. Deste modo, a iconicidade atua como mecanismo de motivação linguística, pois os sinais tendem a representar traços físicos marcantes dos animais (como listras, orelhas, ou forma do corpo), ativando imagens mentais que tornam o sinal mais icônico e acessível cognitivamente. Tal fenômeno se relaciona ao princípio da motivação, fundamental na Linguística Cognitiva, em que os signos linguísticos não são arbitrários, mas estão ligados de maneira simbólica e cognitivamente plausível aos seus significados (Lakoff; Johnson, 2002).


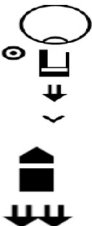
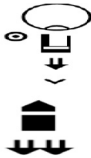

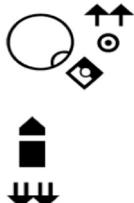

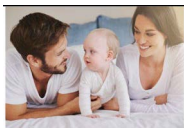
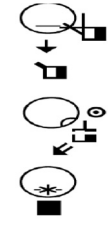


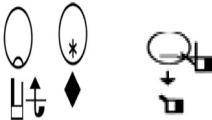


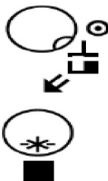
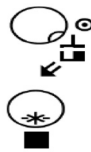
Salientamos também que, o ensino da língua exerce um papel essencial na consolidação dessas formas, pois permite a transmissão de padrões convencionais e ativa os esquemas cognitivos relevantes para a produção e compreensão dos sinais. Como afirmam Cunha e Martins (2012), a compreensão da linguagem ocorre não por meio de signos isolados, mas através de esquemas mentais que integram e relacionam conceitos de maneira interativa e flexível. Nesse sentido, o ensino da Libras para os surdos possibilita que mesmo experiências não vivenciadas diretamente, como ver uma zebra, possam ser representadas linguisticamente por meio da ativação de esquemas compartilhados em sala de aula. Dessa forma, concluímos que a construção e a compreensão dos sinais compostos na categoria de animais são fortemente influenciadas pela iconicidade cognitiva, pelos esquemas cognitivos culturais e perceptivos, e pelo ensino linguístico.

b) Análise dos sinais rejeitados e substitutos quanto à categoria pessoas

Quadro 6: Identificação e análise dos compostos sinalizados pelos participantes e os contidos nas referências quanto à categoria pessoas.

Item	Imagem	Signo linguístico em Português	Sinais realizados pelos alunos	Sinais encontrados nas referências	Referências
01	 https://ru.pinterest.com/pin/374924737712307688/	Idoso/velho		Não contém nas referências	—

O uso de sinais compostos por estudantes surdos do curso de Letras-Libras da UFPI: um estudo pelo viés sociolinguístico e abordagem cognitiva

02	 https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/comportamento/saiba-como-fazer-rg-cp-e-passaporte-das-criancas/	Menino		HOMEM^CRIANÇA 	R2, R3, R4 R1
03	 http://www.michaeloliveira.com.br/vale-a-pena-criar-um-canal-para-criancas/	Menina		MULHER^CRIANÇA 	R2, R3, R4 R1
04	 https://uaubaby.wordpress.com/category/cuidados-com-o-bebe/	Pais		MÃE^PAI  Quadros e Karnopp (2004, p. 104)	R6
05	 https://cidadeverde.com/noticias/198768/dia-dos-pais-devera-injetar-r-38-bilhoes-no-comercio-diz-pesquisa	Pai	Sinal 01 Sinal 02 	HOMEM^BÊNÇÃO 	R4 R1
06	 https://epaybrasil.com.br/blog/6-dicas-para-aumentar-as-vendas-no-dia-das-maes/	Mãe		MULHER^BÊNÇÃO 	R4 R1

Fonte: Elaboração dos autores

Nesta categoria, observamos que dos 6 sinais compostos produzidos pelos alunos, 4 deles (itens 02, 03, 05, 06) são idênticos aos encontrados nas referências. Apenas um, o item 01, não está presente nas referências, enquanto o item 04 (que representa o signo linguístico “pais”) foi executado de forma diferente, configurando-se como uma variante. Nos sinais que simbolizam mãe e pai, os compostos produzidos foram “MULHER^BÊNÇÃO” e “HOMEM^BÊNÇÃO”. Neste caso, a singularidade linguística observada é de natureza cultural, pois é costume na região nordeste pedir a bênção aos pais.

velhos, especialmente aos pais, que abençoam seus filhos, netos, sobrinhos e afilhados com um beijo na mão.

Também observamos, no quadro 6, que, diante da imagem que representa o signo “idoso” ou “velho” — sinal este presente nas referências —, os alunos o construíram utilizando os sinais de “HOMEM” e “VELH@” (HOMEM^VELH@). Perguntamos, então, como seria o sinal para uma pessoa do sexo feminino, ao que eles responderam sinalizando “MULHER^VELH@”. Essa escolha lexical evidencia a produtividade linguística guiada por estruturas simbólicas coerentes com a experiência e a percepção dos falantes. A opção por essa composição revela não apenas uma sensibilidade visual e semântica na construção do sinal, mas também o princípio da analogia, outro mecanismo cognitivo que regula a organização da linguagem, conforme apontado por Croft (2001).

O signo linguístico para “pais” presente nas referências foi rejeitado pelos alunos, que sinalizaram “P-Y^MULHER^BÊNÇÃO” para representar o termo “pais”, conforme o item 04. Ao questioná-los se haveria outro sinal para “pais”, eles responderam negativamente. Durante a coleta, observamos que ao contextualizar “mãe” e “pai” separadamente, eles sinalizam “MULHER^BÊNÇÃO” e “HOMEM^BÊNÇÃO”, respectivamente. No entanto, ao utilizar o termo “pais” para se referir aos dois juntos, eles sinalizam “P- Y^MULHER^BÊNÇÃO”, demonstrando uma economia linguística nesse sinal, visto que é mais eficiente e prático sinalizar “P-Y^MULHER^BÊNÇÃO” do que “HOMEM^BÊNÇÃO^MULHER^BÊNÇÃO” ou “HOMEM^MULHER^BÊNÇÃO”.

5. Considerações finais

Esta pesquisa buscou compreender por meio da sociolinguística e da linguística cognitiva a variação linguística presente na formulação e no uso de sinais compostos em Libras por alunos surdos do 2º período do curso de Letras Libras da UFPI. Ao longo da investigação, foram catalogados 20 sinais no total, dos quais 9 foram identificados como sinais simples e 11 como sinais compostos. Estes últimos foram organizados em duas categorias principais: animais e pessoas.

Durante a análise, identificamos diversas regularidades linguístico-cognitivas e sociais subjacentes à percepção dos 3 estudantes surdos do Curso Letras Libras de Teresina-PI, sobre a formação, convenção e uso de sinais compostos. Essas regularidades incluem variação fonético-morfológica, economia linguística, iconicidade cognitiva, influências culturais, aprendizado da língua, especialmente considerando que esses alunos aprenderam Libras em um estágio tardio de aquisição. Um exemplo claro dessas regularidades pode ser observado nos sinais simples produzidos pelos alunos, nos quais identificamos variações como economia linguística e iconicidade cognitiva, evidente no sinal correspondente ao signo linguístico de “SUPERMERCADO”.

Na análise do perfil dos participantes, foi possível observar como as trajetórias individuais de aquisição da Libras impactam diretamente o desempenho linguístico e cognitivo dos alunos surdos do curso de Letras Libras da UFPI. O participante A1, que teve contato com a língua de sinais desde a infância, apresentou maior fluidez, segurança e espontaneidade na produção dos sinais, o que revela

a consolidação precoce de esquemas imagéticos e construções linguísticas fundamentais, conforme sustentam Quadros e Cruz (2011) e Langacker (1987). Já os participantes A2 e A3, que aprenderam Libras apenas na vida adulta, demonstraram maior esforço cognitivo, hesitação e insegurança, especialmente em situações individuais, indicando um processo de aquisição ainda em construção e a presença de representações linguísticas menos estáveis. No entanto, durante a coleta em grupo, ambos apresentaram melhora significativa na exposição linguística, evidenciando que a linguagem, além de cognitiva, é essencialmente interacional e social. A interação com o colega mais proficiente (A1) e o apoio mútuo favoreceram o acesso às construções linguísticas e a (re)ativação de representações cognitivas, reforçando a tese da Linguística Cognitiva de que o uso da língua em contextos reais e colaborativos potencializa a aprendizagem e o desenvolvimento linguístico, especialmente em falantes tardios.

Nas análises dos quadros 3, 4, 5 e 6, constatamos que a produção de sinais compostos em Libras pode ser influenciada por fatores como metáforas conceituais, economia linguística, iconicidade cognitiva e esquemas culturais compartilhados. Embora as imagens apresentadas sugerissem a produção de sinais compostos, os participantes frequentemente optaram por formas simples, evidenciando uma tendência natural à condensação semântica. Essa tendência, conforme discutem Lyons (1995), Martinet (1991) e Langacker (1987), reflete a busca por formas linguísticas mais eficientes, cognitivamente motivadas. Os sinais analisados revelam motivações visuais e funcionais que não apenas refletem experiências corporificadas, mas também ativam associações conceituais compartilhadas, como é o caso do sinal de “SUPERMERCADO”, onde a ação de empurrar o carrinho é abstraída em um gesto icônico à essa ação.

Além disso, observamos que os sinais compostos da categoria “animais” e de outros referentes culturais, como “PAIS” e “IDOSO”, demonstram não apenas conformidade com formas canônicas da Libras, mas também revelam variações locais motivadas por fatores socioculturais. A produção de sinais como “MULHER^BÊNÇÃO” para “mãe” e “P- Y^MULHER^BÊNÇÃO” para “PAIS” evidencia uma forte influência da cultura nordestina na construção linguística, reforçando a ideia de que a Libras é sensível à experiência coletiva e às práticas culturais regionais. Dessa forma, as análises indicam que a variação linguística em Libras não compromete sua estrutura ou inteligibilidade, mas, ao contrário, reforça sua vitalidade como língua viva, moldada pelas práticas sociais e cognitivas de seus usuários. Isso reafirma a importância de reconhecer a diversidade linguística e cultural dentro da comunidade surda e de valorizar os processos cognitivos que fundamentam a construção e a variação dos sinais em Libras.

Referências

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz?* 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 3. ed., 2ª reimpressão. 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola, 2011.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURICIO, A. C. L. *Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) baseado em Linguística e Neurociências cognitivas*.-vol. 1 e 2 São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: CNPq: Capes, 2009.

CICV – COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA. *O emblema da Cruz Vermelha*. Genebra: CICV, 2007. Disponível em: <https://www.icrc.org/pt/nossos-emblemas>. Acesso em: 10 maio 2025.

CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, Evanildo; MARTINS, J. R. *Gramática da língua portuguesa*. 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

FELIPE, Tanya Amara. Os processos de formação de palavras na LIBRAS. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, pp. 200-217, jun. 2006.

FIGUEIREDO SILVA, M. C.; SELL, F. F. S. *Algumas notas sobre os compostos em português brasileiro e em LIBRAS*. PPT apresentado na USP e artigo disponibilizado por e-mail, 2009.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University Press, 1995.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar*. Stanford, California: Stanford University Press, v. 1, 1987.

LANGACKER, Ronald W. *Cognitive Grammar: A basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2011.

LYONS, John. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Tradução de Marilda Winkler Averbug, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Padrão, 1995.

MARTINET, André. *Elementos de lingüística geral*. 8. ed. Tradução de Jorge Morais-Barbosa. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

MINUSSI, Rafael Dias; TAKAHIRA, Aline Garcia Rodero. Observações sobre os compostos da LIBRAS: a interpretação das categorias gramaticais. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, v. 9, n. 1, junho de 2013.

O uso de sinais compostos por estudantes surdos do curso de Letras-Libras da UFPI: um estudo pelo viés sociolinguístico e abordagem cognitiva

QUADROS, Ronice M.; KARNOPP, Lodenir B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice M.; CRUZ, Carina Rabello. *Língua de sinais - instrumentos de avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 159.

SILVA, Vera Lúcia Paredes da. Relevância das variáveis linguísticas. In. MOLLICA, Maria Cecília; Maria L. Braga. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto. ISBN 85-7244-222-7. p. 200, 2017.

SINAIS DIÁRIOS DE LIBRAS. *Sinal de ESCOLA em Libras*. YouTube, 07 de dezembro de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iA_E605MVmM. Acesso em: 25 fev. 2024.

SWELLER, John. *Carga cognitiva durante a resolução de problemas: efeitos na aprendizagem*. Ciência Cognitiva, 1988. DOI: https://doi.org/10.1207/s15516709cog1202_4. Acesso em: 20 fev. 2024.

TAKAHIRA, Aline Garcia Roderio. Questões sobre compostos e morfologia da Libras. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 1, n. 41, pp. 262-276, jan.-abr., 2012.

WILCOX, Sherman. Cognitive iconicity: Conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. In: *Cognitive Linguistics*, v. 15, n. 2, pp. 119-147, 2004.